

Uma reflexão acerca das **RESSONÂNCIAS** de Zózimo Bulbul na filmografia de jovens realizadorxs do Cinema Negro contemporâneo

Mostra de Cinema Narrativas Negras



Maria Amália Cursino

Aug 31, 2019·5 min read

Corpes negres são corpes estranhas. Nilma Lino Gomes sentenciou na 8ª Conferência Latino-Americana e do Caribe sobre Ciências Sociais, na Argentina. Ilustro essa sentença utilizando a metáfora do **antígeno-anticorpo**.

Seria como se nós, pretes, fôssemos antígenos incuráveis que invadiram o tecido social, a serem implacavelmente combatidos pelos anti-corpos-negros da branquidade, que investe todo seu arsenal necropolítico como linha de defesa de suas usurpações para manutenção da brutalidade colonial, do letal cisheteropatriarcado, das inúmeras

camadas excludentes fiornecidas pelo capitalismo, bem como pelas faces carrascas e injustas dos racismos estrutural, institucional e cotidiano.

O corpo social padece, já que não se trata do combate a antígenos. Trata-se de uma doença autoimune, que ataca as próprias defesas **erradamente decodificadas como corpos estranhos**. É uma guerra contra si, o corpo social aliena grande parte de sua integridade, resultando em graves baixas e um estado permanente de enfermidade social.

Diagnosticam levemente, medicam equivocadamente, enquanto as baixas físicas e simbólicas des corpos pretes se dão vertiginosamente, tanto quanto a sua velocidade de alastramento e capilaridade, **do entendimento cada vez mais profundo por parte desses corpos estranhos como corpos-constituintes desta sociedade** e do enraizamento em toda sua punjança desses anti-corpos-negres/anti-matéria-escura/corpos matáveis.

Somos o desespero e o desengano da branquidade morimbunda, que não enxerga saída para a falência de sua construção de mundo a não ser aniquilando o que também a constitui, sobretudo no sul global, onde es corpos estranhos são em maior número, extravazando, ainda, na aniquilação dos Reinos da Vida. Danem-se todes!

Enxergo a comunicação como esse grande campo, onde estão circunscritas as diferentes linguagens – referenciais e artísticas – que dão suporte às nossas representações: a inscrição e autoinscrição dos negres no campo audiovisual e o alcance das narrativas, dos discursos, das cadeias de valor, produção e realização através dos imaginários que construímos e carregamos, são como LENTES que ampliam e apontam sublimações possíveis – porém não livres das dores, das fissuras e das tensões já previstas – através dos referenciais culturais, simbólicos, subjetivos, indissociáveis ao bem-estar social.

A comunicação, seus campos e linguagens identificam e privilegiam humanidades, contribuindo para a difusão facilitada – não osmótica e unilateral, mas, sim, aguardando as ressonâncias a partir de nossas provocações – de nossas existências, nossas produções simbólicas e nossas vozes.

Como fazê-los enxergar? Como esmiuçar e detalhar nossas histórias, nosso cotidiano, nossos territórios e nosso fazer fílmico? Nesse sentido, **Zózimo é a LUZ**, o farol que ofereceu às realizadoras, es realizadorxs, aos realizadores e aos públicos como pedra fundamental “Alma no Olho”, de 1973.

De profunda orientação panafricanista, conta de suas experiências quando da aproximação com o FESPACO – Festival Panafricano de Cinema e Televisão de Ouagadougou, Burkina Faso: “Lá, descobri que o africano

que preserva a cultura oral e ama o cinema porque é um ato social de integração, diferente da literatura, que é mais individual. Cineastas africanos são verdadeiros griots, sábios que contam histórias para as pessoas. E assim fazemos aqui, respeitando nosso tempo, nossas cores e nossa música ”.

(Fonte: FICINE – TEXTO DO CATÁLOGO DO IFFR PARA A MOSTRA “SOUL IN THE EYE” NO CONTEXTO DO INTERNATIONAL FILM FESTIVAL ROTTERDAM, por **Janaína Oliveira** e **Tessa Boerman**)

O cinema negro possibilita deslocamentos radicais e potentes. O novo, novas gramáticas visuais a partir do que bem conhecemos: nosso território, nosso cotidiano, nossos corpos. Irrompe silêncios, processos inaudíveis à realização e às audiências brancas, hegemônicas. E é claro que vão deflagrar as tensões que observamos em todos os processos de expansão das fronteiras das negritudes.

Em **Caixa D’água: Qui-lombo é esse?**, direção de **Everlane Moraes**, observa-se a utilização de recursos que tangibilizam a narrativa nos corpos negros, fazendo com que aqueles fatos históricos atravessem – como de fato atravessam – seus narradores. A história passada e a história atual sendo constantemente aproximadas visualmente. Incrível trabalho de decupagem de imagens de arquivo, composição, projeção e montagem. Uma sequência chama muita atenção é a silhueta do corpo negro evidenciando o “Homem Vitruviano”, obra emblemática de Leonardo Da Vinci, símbolo máximo da humanidade

universal no ocidente. Um deslocamento violento, elevando o corpo do homem preto como dotado de humanidade, um homem preto de proporções divinas perfeitas, o homem ideal sendo ele PRETO.

Em **Mayra está bem**, a diretora **Juliana Lima** expõe depoimentos de mulheres pretas que retratam uma dimensão do racismo que é massivamente observada em gerações de mulheres pretas, que não vivenciam a experiência de serem parceiras de vida de homens, em uma constituição familiar, tornam-se mães solo e veem perpetuada em suas descendências femininas pretas essa marca indelével. Mayra está bem porque nela mesma encerra a potência do feminismo negro. Digo, repito, afirmo com convicção: mulher preta já nasce feminista. É quase que atávico, é exemplo vivenciado dentro de casa e recebido ancestralmente. Não só nasce como é precursora do movimento, muito antes de receber o nome “feminismo” e do primeiro sutiã queimado...

Em **Eleguá**, dirigido por **Yuri Costa**, (Eleguá que é o arquétipo e a energia yorubá dono dos caminhos e dos destinos, manifestando o domínio do momento presente e passado para futuros possíveis), existe uma dinâmica entre o cotidiano negro e a ancestralidade, através de uma costura narrativa com centralidade na experiência do TRAUMA existencial instalado – depressão -, perpetrado, em leitura própria, pela colonialidade, pelo racismo. Belo encontro onírico com a ancestralidade, que nos guia, nos atravessa e

nos oferece a possibilidade de continuar a despeito de tantas violências a que somos submetidos.

Exu matou um pássaro ontem com a pedra que arremessou somente hoje.

Existem caminhos. Yuri aponta aquele que nos reconstitui.

Em **Nada**, dirigido por **Gabriel Martins**, existe uma declaração e uma atitude transgressora e contra-hegemônica da opção pelo NADA. NADA do que está servido, posto como únicas possibilidades de ser e existir.

Mujica (José, ex-presidente do Uruguai) declarou recentemente em visita ao Panamá que ‘Temos que lutar por uma sociedade que priorize viver e não trabalhar’. A lógica capitalista ocidental refuta essa possibilidade, já que TER é tudo, ser, só se der...

A ascensão e glória dos jovens negres no campo audiovisual, no fazer fílmico enquanto realizadorxs de nossas histórias é “Algo que Bulbul não pode testemunhar em vida no Brasil, mas imaginou ver com a alma no olho.” (Fonte: FICINE – TEXTO DO CATÁLOGO DO IFFR PARA A MOSTRA “SOUL IN THE EYE” NO CONTEXTO DO INTERNATIONAL FILM FESTIVAL ROTTERDAM, por **Janaína Oliveira** e **Tessa Boerman**)

FILMES – Referências

Alma no Olho – Dir. Zózimo Bulbul | **Mayra está bem** –
Dir. Juliana Lima | **Caixa D'água: Qui-lombo é esse?** –
Dir- Everlane Moraes | **Eleguá** – Dir. Yuri Costa | **Nada** –
Dir. Gabriel Martins